

# BOLETIM INFORMATIVO

Província do Rio de Janeiro

Ano LVI | Nº 3  
setembro | outubro | novembro | dezembro  
**2021**



# BOLETIM INFORMATIVO DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

## PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Setembro | Outubro | Novembro | Dezembro | 2021

• PALAVRA DA VISITADORA .....	02
• PALAVRA DO PADRE DIRETOR .....	05
• <b>FORMAÇÃO PERMANENTE</b>	
- São Vicente de Paulo, místico e profeta da caridade missionária .....	07
• <b>A IGREJA</b>	
- Homilia do Papa Francisco na Celebração Eucarística para a abertura do Sínodo Sobre Sinodalidade .....	28
- Texto da mensagem do papa Francisco aos membros da Assembleia Geral .....	32
• <b>COM AS PALAVRAS, NOSSAS IRMÃS</b>	
- “Em ti se encontra a fonte da vida, e com a tua luz nós vemos a luz” (Sl 36).....	34
• <b>NOTÍCIAS</b>	
- Festa de São Vicente .....	38
- Posse do Conselho Provincial .....	40
- #SAVV.RIO.50ANOS .....	42
- Festa de Nossa Senhora das Graças .....	46
• <b>NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI</b> .....	52
• <b>SOLIDARIZANDO COM NOSSAS IRMÃS NA DOR</b> .....	57

# PALAVRA DA VISITADORA

Ir. Selma Aparecida dos Santos, fc

## ANO DE SÃO JOSÉ

*“Quando acordou, José fez conforme o anjo do Senhor havia mandado e aceitou sua esposa.” (Mt 1, 2)*

Papa Francisco convocou em dezembro de 2020, com a publicação da Carta apostólica *Patris Corde* “Coração de Pai”, um ano dedicado a São José, em comemoração aos 150 anos da proclamação de São José como guardião universal da Igreja pelo Papa Pio IX. Apresentou São José como exemplo para os homens de hoje, porque “acolhe Maria sem colocar condições prévias”, um gesto importante para os dias atuais, “onde é patente a violência psicológica, verbal e física contra a mulher”. Mas o esposo de Maria é também aquele que, confiante no Senhor, acolhe na Sua vida os acontecimentos que não compreende com um protagonismo “corajoso e forte”, que deriva “da fortaleza que nos vem do Espírito Santo”.



O nome de **José** está profundamente ligado ao mistério de Jesus. E se o anjo é um sinal de que Deus se faz presente na vida de uma pessoa para comunicar-lhe algum de seus desígnios, Deus mesmo se fez presente a José, por meio de seu anjo. José é a pessoa a quem primeiro é revelado o mistério que sua esposa guardava em seu ventre.

Noivo de Maria, pertencente a uma nação oprimida e a uma categoria social esquecida, José foi capaz de perceber a maravilha que estava acontecendo na sua vida e na vida de Maria. Nele,

devemos recobrar o sentido da **expectativa**, da **novidade**, da **coragem**.

Para isso, precisamos entrar em sintonia com Deus por meio do desapego, da doação, do despojamento e da fragilidade. Entrar em sintonia com Sua Vontade e deixar-se conduzir pelo seu Anjo, assim como José que, como o seu Filho, veio “não para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida”. Não podemos entender a presença de José em função de si mesmo, mas a serviço de Jesus e de seu mistério. Saber estar em função de outro não é fácil, mas é um dos modos mais belos de amar.

Três palavras-chave marcaram esta celebração do Ano Josefino e que foram indicadas pelo Papa, a partir do testemunho de São José, servindo de inspiração para fortalecer nossa vida de fé no pleno cumprimento da vontade de Deus.

**SONHO:** “Realizar-se na vida”; seguir o itinerário de São José, que “em sonho”, descobre qual é a vontade de Deus.

**SERVIÇO:** “Viver em tudo para os outros e nunca para si mesmo”. Esta palavra marca o itinerário de São José, homem do silêncio, do serviço e da obediência total à vontade de Deus.

**FIDELIDADE:** São José é o “homem justo” que, “no trabalho silencioso de cada dia, persevera na adesão a Deus e a seus desígnios”. Porque a vocação, diz o Papa, “só amadurece através da fidelidade de cada dia”.

A atitude fiel de São José ao plano Divino é para nós, a certeza de que a fé em Deus é o único meio que pode sustentar e dar sentido à fidelidade de nossa vocação.

Aprendamos de São José “que ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza”; que “no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o timão da nossa barca”; que é necessário “dar lugar ao que sucede”, acolhê-lo, assumir a sua responsabilidade e reconciliar-se “com a

própria história”. Porque “se não nos reconciliarmos com a nossa história, não conseguiremos dar nem mais um passo, porque ficaremos sempre reféns das nossas expectativas e conseqüentes decepções”.

O dia 8 de dezembro, dia em que a Igreja celebra a Imaculada Conceição de Nossa Senhora, neste ano de 2021 será marcado também pelo encerramento do Ano de São José. Que os bons frutos deste Ano Jubilar possam perdurar por muito tempo em nossa vida e em nossa Igreja. E continuemos a pedir a intercessão desse glorioso santo, modelo e exemplo de fé.

Que São José interceda a Deus por cada uma de nós e que a seu exemplo vivamos nossa vocação na fidelidade de cada dia.

### **SÃO JOSÉ, ROGAI POR NÓS!**

*Ir. Selma Aparecida dos Santos, fc*

## PALAVRA DO PADRE DIRETOR

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial

### **CAMINHAR NA ESPERANÇA É ABRIR-NOS AO FUTURO DE DEUS**

Em toda passagem de Ano nossa esperança tende a se renovar. As mensagens de Ano Novo que compartilhamos expressam essa realidade humana profunda: o desejo do melhor para os outros, para si mesmo e para o mundo todo, em muitos casos, para a criação também. Em perspectiva antropológica, por mais realista que sejamos, parece que acreditamos e esperamos que o Ano Novo será melhor que o ano passado. Sobretudo quando se é cristão.



Desde os primórdios da fé em Deus, por parte do Povo de Israel, há uma tensão que nos impulsiona para frente, sempre nos inspirando a abrir-nos à esperança de um futuro melhor, prometido por Deus. Desse modo, *todo início de Ano nos é dada uma grande oportunidade de agradecer e de nos abriremos de maneira radical ao futuro prometido por Deus*. E seguir Jesus Cristo hoje e abrir-nos ao novo, neste tempo difícil de pandemia e provação, é um caminhar em tensão para o futuro prometido por Deus, pondo nossa esperança em Deus, Senhor da História e de nossas vidas, Deus que peregrina, avança e caminha com a humanidade por vezes tentada a se fechar nas suas mazelas e no pior de sua história. Possa esta esperança na promessa do futuro de Deus nos animar e orientar na profundidade de nosso ser e também nos animar na elaboração de nossos Projetos Comunitários compartilhados, dialogados, e assumidos juntos na realidade concreta onde estamos situados.

O futuro de Deus que se renova a cada Ano é o futuro da Promessa, da Aliança com um Povo. Acolher profundamente

essa Promessa de Deus requer a consciência de um sentido de pertença profundo a um Povo, à humanidade inteira: somos todos humanos, estamos todos no mesmo barco... Eu sou, existo, com minha originalidade, se pertença a uma Comunidade, a um Povo, à humanidade universal. Daí a proposta do Papa Francisco do cuidado da casa comum e dos mais pobres, a sua insistência sobre a necessidade da amizade social e da paz, da fraternidade entre todos, a busca de um pacto global pela educação, daí também a sua chamada a ser Igreja sinodal na participação, na comunhão e na missão. Diante disto, parece-nos que o futuro da Promessa de Deus advém concretamente se acreditamos, temos fé, na Comunidade, tanto universal quanto local, e se procuramos construí-la no diálogo, na fraternidade e no respeito das diferenças. Tenhamos fé, acreditemos na Comunidade fraterna, pois o Futuro da Promessa de Deus para a humanidade depende desse aumento de fé na Comunidade e na Fraternidade, na força e na beleza do caminhar juntos na diferença para Servir.

Que o Espírito Santo de Deus Pai e de Jesus Cristo nos mostre neste Ano de 2022 os caminhos da Promessa de Deus e nos “equipe” com tudo o que é necessário para Seguir Jesus Cristo, tornando-nos cada vez mais capazes e disponíveis para servi-Lo nos mais pobres, segundo o espírito de São Vicente e de Santa Luísa. Que a Virgem Maria, Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa, seja sempre solícita às nossas súplicas e necessidades ao longo do Ano e nos ajude a ouvir uns aos outros para ouvir o Espírito Santo do Pai e de Jesus. Agradeçamos ao Pai, ao Filho e ao Espírito pelo Ano de 2021, e por continuar nos conduzindo rumo ao seu Futuro cheio de esperança neste Ano de 2022.

Que este Mês da Bíblia e de São Vicente de Paulo seja um tempo propício para revitalizar a vocação, a vida fraterna e a missão de todas as Irmãs e de todos os Irmãos, à luz da Palavra lida, rezada e praticada à maneira de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac, em profunda comunhão com a Igreja<sup>6</sup>, e em vista de formar uma humanidade mais fraterna com o próximo e mais aberta ao amor de Deus.

*Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm*

## FORMAÇÃO PERMANENTE

Há quatro anos, em 2017, vivenciamos intensamente a celebração dos 400 anos do carisma vicentino. Pe. Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, CM escreveu um belíssimo texto que trazemos aqui para melhor apreciarmos a amplitude da ação de São Vicente em favor dos pobres, nosso Fundador.

### **SÃO VICENTE DE PAULO, MÍSTICO E PROFETA DA CARIDADE MISSIONÁRIA 1617-2017: 400 ANOS DO CARISMA VICENTINO**

Pe. Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, CM<sup>1</sup>  
Texto publicado na Revista *Convergência*, julho 2017, p. 45-61.

Em 2017, a Família Vicentina celebra o Ano Jubilar dos 400 anos de atuação de seu carisma. Trata-se da memória agradecida de um ano emblemático (1617), quando se deram as experiências mais marcantes e decisivas na definição do perfil espiritual e missionário de São Vicente de Paulo e de suas obras. Experiências de encontro com os pobres e de confronto com a situação de abandono espiritual e privação material em que se achavam tantas pessoas na França do século XVII. Iluminados pela fé, os acontecimentos se converteram em interpelações do Espírito, tocando profundamente a consciência de Vicente de Paulo e despertando-o para o acolhimento de uma graça que o levaria a dedicar toda sua vida à evangelização e ao serviço dos pobres. Assim, quis reunir ao redor deste belo e exigente projeto leigos e leigas, Padres, Irmãos e Irmãs, todos abrasados pelo mesmo ideal caritativo-missionário<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Presbítero da Congregação da Missão (Vicentinos ou Lazarista). E-mail: [viniciusaugustocm@gmail.com](mailto:viniciusaugustocm@gmail.com).

<sup>2</sup> *Carisma* é um dom de Deus de Deus que capacita a pessoa para o exercício de sua missão em favor da comunidade. Na raiz grega da palavra, encontra-se o substantivo *cháris*, que significa *graça, favor, dom*, e o verbo *cháiro*, traduzido por *alegrar-se, regozijar-se*. A etimologia evidencia dois aspectos fundamentais do termo *carisma*, ambos corroborados pela perspectiva bíblica (1Cor 12-13; Rm 12, 3-8); trata-se de uma iniciativa inteiramente gratuita da parte de Deus que chama a pessoa a realizar-se na vivência do amor que se faz doação e serviço aos outros (Sobre a noção bíblico-teológica de carisma, vale apreciar: LIBÂNIO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 81-92. Ver também: OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Teologia da Vocação*: temas fundamentais. 2ª ed. São Paulo: Loyola, p.83-111). Tratando-se do tema aplicado à VC, intuições originais e pertinentes podem ser colhidas de: ROY, Ana. *O beijo de Deus*: provocações à Vida Religiosa Consagrada. Brasília: CRB, 2000.

Não só para sua Família, como também para toda a Vida Consagrada (VC), a figura de São Vicente resplende como uma estrela luminosa no firmamento da Igreja. Um dom particular do Espírito lhe foi confiado. Ele o intuiu, aprofundou e transmitiu<sup>3</sup>. Dessa graça singular, brotou uma forma específica de seguir Jesus Cristo, acentuando sua missão de evangelizar e servir os pobres (Lc 4, 18). O carisma vicentino se define como um modo próprio de viver o Evangelho e de participar na missão da Igreja, chamada a voltar-se para os pobres com a predileção que seu Mestre e Senhor devotou aos menores de seus irmãos (Mt 25, 40). Neste artigo, tentaremos demonstrar como a mística e a profecia que se irradiam do itinerário percorrido por São Vicente de Paulo podem nos impulsionar a trilhar as veredas da caridade e da missão. Assim, estaremos em sintonia com o que a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) nos propõe para os próximos anos, convidando-nos a “fortalecer a integração entre mística e profecia, com coração ardente e pés de peregrino (a), de olhos abertos e ouvidos atentos às novas fronteiras de missão, acolhendo os impulsos do Espírito, no seguimento missionário de Jesus”<sup>4</sup>.

## 1. O mistério de uma vida

Foi em 1580 (ou um ano depois, não se sabe ao certo) que ele veio ao mundo, nascido no meio de uma família simples, empenhada na própria subsistência<sup>5</sup>. Dos seis irmãos, Vicente era o terceiro. Cabi-lhe a tarefa de cuidar do rebanho. E o fez até a idade de 15 anos, quando deixará a calmaria do campo para aventurar-se nos estudos, incentivado por seu pai. Partiu, então, para a cidade de Dax, não muito longe de sua terra natal. Ali recebe as primeiras instruções escolares. Torna-se, mais tarde, preceptor dos dois filhos de um advogado, iniciando-se assim na faina educativa. Anos depois,

<sup>3</sup> Sobre o *carisma de fundador*, como experiência peculiar do Espírito, proporcionalmente comunicada àqueles que se sentem atraídos por um mesmo projeto de vida, descoberto e discernido como caminho de santidade, cf. CIARDI, Fabio. *In ascolto dello Spirito*. Ermeneutica del carisma dei fondatori. Roma: Città Nuova, 1996, p. 25-83.

<sup>4</sup> Prioridades do Plano Trienal 2016-2019.

<sup>5</sup> Para os dados biográficos deste tópico, tomamos como referência básica a alentada obra de J. M. Román. *San Vicente de Paúl*. Biografía. Madrid: BAC, 1981.

já em Paris, voltará a exercer este ofício junto aos filhos de outra família, os Gondi, sedimentando seu talento pedagógico. O mesmo advogado, que o acolhera como hóspede em Dax, será também seu primeiro benfeitor, estimulando-o na carreira eclesiástica, tida à época como meio eficaz de ascensão socioeconômica. As ambições desta primeira etapa de sua trajetória serão, no futuro, assunto que sua temeridade não lhe permitirá sequer nomear. Embora identificado com a vocação sacerdotal, que lhe parecia ser mesmo a sua, as intenções e propósitos de Vicente ainda teriam que passar por um vigoroso processo de decantação e aperfeiçoamento.

Já ordenado (1600), dedicou-se com afinco à conclusão de seus estudos teológicos, frequentando a Universidade de Toulouse. Tocava-lhe também a responsabilidade de dirigir um pensionato para jovens estudantes, aos quais devia orientar. Sua aplicação intelectual acompanhará Vicente de Paulo por toda a vida, dando-lhe condições de discernimento mais acurados, reflexões mais consistentes e intervenções mais arrojadas em favor dos pobres, da Igreja e da paz social. Seu esforço em manter-se atualizado era acolitado pelas boas leituras que o enriqueciam. Muitos episódios o demonstram emblematicamente: a engenhosa organização dos serviços prestados nas regiões depauperadas pelas guerras, as clarividentes objeções à doutrina jansenista, as insistentes solicitações junto às autoridades pelo estabelecimento da concórdia nacional (particularmente em 1649, por ocasião da guerra da Fronda). A tudo isso, somam-se a lucidez e a prudência com que acompanhará o florescimento de suas fundações, deixando-lhes Regras e Regulamentos de notável densidade espiritual e incontestável alcance prático.

Ano de 1608. Padre Vicente se estabelece em Paris, à procura de uma posição favorável e de um rendimento honesto, que lhe possibilitassem remediar a situação de sua família e assegurar um futuro cômodo para si. Contudo, os sucessivos infortúnios e dissabores a que se viu exposto levaram-no a refletir em profundidade sobre suas buscas, a reconsiderar seus objetivos e a corrigir seus intentos, ainda não limitados aos estreitos cálculos humanos.

Como um dos capelães da Rainha Margot, podia divisar o fastidioso contraste entre a frivolidade da vida palaciana e os pavorosos abismos de miséria em que jaziam os que diariamente batiam à porta. Acusado injustamente de roubo e mergulhado em penosa noite escura, achou-se duramente provado no que tinha de mais precioso: sua retidão e sua fé. Não demorou a intuir a necessidade de um novo projeto de vida, balizado por ideais mais elevados e comprometedores, desprovido de condicionamentos mesquinhos e concretizado nos esforços que uma fé mais robusta haveria de inspirar-lhe. Auxiliaram-no a sabedoria e a santidade daqueles homens de Deus que se lhe afiguravam como personificações do que se sentia chamado a ser: Pierre de Bérulle, André Duval e Francisco de Sales. Pastores de comprovadas virtudes, cujos perfis se definiam pela integridade humana, solidez espiritual e zelo apostólico. Incentivado por essas benfazejas influências, que se imprimiriam para sempre nas tábuas de seu coração, Vicente decide fixar seu olhar em Jesus Cristo, encontrando nele seu referencial de humanidade e a bússola orientadora de seu ministério. Deste progressivo enraizamento em Cristo, logrará colher seiva da confiante entrega à vontade de Deus e de uma visceral compaixão pelos pobres, descobertos inicialmente nos hospitais e nas ruas parisienses, debatendo-se entre a vida e a morte. Com o passar do tempo e cada vez mais resolutamente, o jovem sacerdote trocará “os interesses enganadores e as motivações terrenas pelas máximas evangélicas que não decepcionam, ficando livre para viver em Cristo, como o apóstolo Paulo, e fazer de Jesus o centro de sua vida e a ‘regra da Missão’”.<sup>6</sup>

O encontro pessoal com Jesus Cristo tornou-se a mola propulsora da liberdade de Vicente de Paulo, enriquecendo-a pelo amor e dilatando-a para o serviço. Desenvolve, então, uma nova forma de compreender a si mesmo, de situar-se na história, de relacionar-se com Deus e com as pessoas. Assim, prosseguirá em seu caminho de humanização e santidade, depurando suas motivações, firmando-se em novas convicções e lançando-se de uma vez por todas nas estradas da caridade missionária, onde se deparará a todo instante com homens e mulheres socialmente

<sup>6</sup> GROSSI, G. *Um místico da Missão*, Vicente de Paulo. 2ª ed. Belo Horizonte: Congregação da Missão, 2016, p. 311

agredidos e religiosamente descartados, sobre os quais debruçará seu coração samaritano, erguendo os caídos e derramando em suas feridas o bálsamo da misericórdia recebida do Senhor, que o transformara em homem novo e a quem desejava configurar-se para sempre, continuando sua missão de evangelização e serviço.<sup>7</sup> As experiências pastorais vividas em Clichy (1612), Folleville (1617), Châtillon (1617) e Montmirail (1620), em movimento crescente, darão testemunho desta verdade: as carências materiais e espirituais ecoavam no coração de Vicente, inquietavam sua consciência e mobilizavam suas ações, associando-o à obra de salvação do Filho de Deus, ungido “para anunciar a Boa-Nova os pobres” [Lc 4,18]. Os pobres, “membros aflitos de Nosso Senhor” (SV XII, 87), seriam doravante, seu peso e sua dor. Anos depois, dirá a seus Coirmãos, com o calor de um coração apaixonado, que devemos “atender às necessidades de nosso próximo como se fôssemos apagar o fogo” (SV XII, 31).

Vicente de Paulo já não era o mesmo. E não voltará a sê-lo. Seus anseios, preferências e labutas, transpassados pela fé e inflamados pela caridade, atestavam a *virada copernicana* efetuada em sua vida. “Ele soube tirar proveito das provações e tentações. Estas lhe fizeram ver que devia antepor os interesses do Reino aos seus, o que significa uma renúncia às realidades terrenas para imbuir-se da mística do desprendimento evangélico”.<sup>8</sup> Depois dos dois primeiros passos de seu percurso, ritmados por tentativas, fracassos e redimensionamentos, procurará pisar sempre nas pegadas de

<sup>7</sup> Sobre este processo de conversão empreendido por Vicente de Paulo, em resposta aos impulsos da graça, reflete um autor: “O coração de Vicente de Paulo começa a sair de sua pequena periferia, começa a ampliar-se, começa a entrar decididamente neste caminho da vida que desce de Jerusalém para Jericó, onde vão ficando os espoliados, os feridos, os massacrados, os marginalizados, os excluídos, as vítimas do sistema enfim. E, conseqüentemente, chega à conclusão de que os pobres não são um passatempo piedoso ou benéfico, ou uma estatística incômoda para a boa sociedade, mas uma dolorosa paixão uma terrível pergunta de Deus à qual é preciso responder com urgência e audácia” (FERNÁNDEZ, Celestino. El pobre en el corazón de San Vicente).

VV.AA. La experiencia de San Vicente de Paúl. 35ª Semana de Estudios Vicencianos. Salamanca: CEME, 2011, p.512). As experiências pastorais vividas em Clichy (1612), Folleville (1617), Châtillon (1617) e Montmirail (1620), em movimento crescente, darão testemunho desta verdade: as carências materiais e espirituais ecoavam no coração de Vicente, inquietavam sua consciência e mobilizavam suas ações, associando-o à obra de salvação do Filho de Deus, ungido “para anunciar a Boa-Nova aos pobres” [Lc 4, 18]. Os pobres, “membros aflitos de Nosso Senhor (SV XII, 87), seriam doravante seu peso e sua dor. Anos depois, dirá a seus Coirmãos, com o calor de um coração apaixonado, que devemos “atender às necessidades de nosso próximo como se fôssemos apagar o fogo” (SV XI,31).

<sup>8</sup> ORCAJO, Antonino. San Vicente de Paúl, místico de todo tempo. Anales de la Congregación de la Misión y de las Hijas de la Caridad, Madrid, tomo 116, n. 2, mar/abr. 2008, p.147.

Jesus Cristo, aberto às *surpresas do Espírito*, com o olhar voltado para os que se achavam nas *periferias existenciais da vida*, às margens da sociedade e da Igreja de seu tempo.<sup>9</sup> Nos clamores dos pobres, Vicente passaria a escutar a voz do Senhor a interpelá-lo naquele contexto de tantos desequilíbrios socioeconômicos que fizeram do século XVII o *século da pobreza*, com seus alarmantes índices de mortalidade infantil, analfabetismo, fome, doenças físicas e psíquicas, etc. A pedagogia de Deus conduziu Vicente de Paulo aos empobrecidos. Sua radical opção pelos últimos não se restringirá a um frêmito de indignação ética ou a uma articulada ideologia política. A fé é que lhe dará condições de ver *Cristo nos pobres e os pobres em Cristo*, reconhecendo-lhes a dignidade, assistindo-os em suas carências, denunciando as injustiças que os vitimavam, colaborando na mudança dos rumos da sociedade e sintonizando a Igreja com as exigências do Evangelho, segundo as imorredouras palavras do Senhor: “Todas as vezes que fizestes isso a um desses mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (Mt 25, 40). Tornou-se lapidar sua aplicação dessa passagem evangélica: “Não devo considerar um pobre camponês ou uma pobre mulher segundo seu exterior, nem segundo o alcance de seu espírito (...). Mas virai a medalha e vereis, pela luz da fé, que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por esses pobres (...). Ó meu Deus, como é belo ver os pobres, se os consideramos em Deus e na estima que Jesus Cristo teve por eles” (SV XI, 32).

De mãos dadas com outros homens e mulheres, todos cativados pelo mesmo ideal caritativo-missionário, Padre Vicente caminha cada vez mais firmemente no seguimento de Jesus Cristo, aprimorando suas relações, ampliando sua ação, aquilatando-se humanamente. Como não lembrar aqui os indispensáveis parceiros que a Providência pôs a seu lado: Margarida de Silly, Luísa de Marillac, Antônio Portail, Margarida Naseau e tantos outros. O terreno se fez receptivo à fecundidade da bênção. A liberdade se

<sup>9</sup> “Se tivesse faltado o espírito de Jesus Cristo a Vicente de Paulo, não teríamos o místico que fala da abundância do coração e que, depois de evangelizar com palavras e obras, se retira ao recinto mais íntimo de seu coração para falar com o Pai do céu sobre assuntos da terra” (ORCAJO. San Vicente de Paúl, místico de todo tempo, p. 156).

entrelaçou à graça. E os frutos se multiplicaram em abundância para deleite de muitos. As realizações de Vicente o mostram. Recordemos ao menos as mais relevantes:

- Seu diuturno empenho na **evangelização**, no **serviço** e na **promoção** dos pobres, por meio das missões nos campos da assistência aos indigentes na convulsiva capital francesa, da presença de consolo e esperança junto aos condenados das Galeras, das 13 casas de acolhimento a crianças abandonadas (mais de 300 eram deixados nas ruas de Paris a cada ano), do estabelecimento de pequenas escolas, das inúmeras campanhas de socorro às regiões arrasadas pelas epidemias e guerras, com suas nefastas consequências de miséria, exploração e morte. Frente à carência material e à ignorância religiosa, com inteligência e discernimento, Vicente de Paulo assume a missão e organiza a caridade, integrando-as em um só movimento e tornando-as sempre mais inventivas, porque nascidas de um amor sincero, gratuito e audaz.
- A fundação e consolidação de suas três grandes obras: as **Confrarias da Caridade** (1617), que logo se espalharam por muitas regiões da França; a **Congregação da Missão** (1625), que, por ocasião de sua morte, já tinha se estendido a vários países da Europa (Polônia, Itália, Irlanda, Escócia) e da África (Argélia, Tunísia e Madagascar); e, unido à Santa Luísa de Marillac, a **Companhia das Filhas da Caridade** (1633), com mais de 60 casas erigidas na França e na Polônia. A todos estes grupos e a muitos de seus membros em particular, Padre Vicente dirigia regularmente sua palavra esclarecida, sobretudo através de cartas, conferências e colóquios, instruindo-os e formando-os, qual hábil pedagogo, na assimilação dos valores e exigências da vocação específica que o Senhor lhes deu.
- O ingente esforço de **reforma do clero** (a partir de 1628), por meio dos retiros para os que seriam ordenados (mais de 12 mil os fizeram), das Conferências das Terças-feiras (prolongamento dos retiros, em vista de uma formação contínua) e da fundação de seminários nas dioceses (mais de 20). Iniciativas que

contribuíram decisivamente para renovar a face da Igreja, gerando pastores santos e sábios para o serviço do Reino.

- Sua lúcida e audaciosa participação no conceituado **Conselho de Consciência** (1643-1652), a partir do qual lhe era dado opinar sobre a escolha dos bispos para as dioceses francesas, mas também tornar conhecida a situação dos pobres, defender-lhes os direitos e solicitar providências cabíveis. Padre Vicente estava mesmo convencido de que não lhe era suficiente ser justo sem empenhar-se na promoção da justiça em uma sociedade como aquela que lhe coube viver. Por isso, não hesitou em pedir abertamente ao primeiro ministro, Cardeal Richelieu, uma intervenção mais destemida pelo fim da guerra. Não titubeou no momento de opor-se à política exploradora do Cardeal Mazarino. Solicitou ao Papa Inocêncio X uma medida em favor da paz durante a Fronda, fazendo-se o porta-voz das dores e esperanças dos pobres.<sup>10</sup>

- Sua intensa e fecunda **atividade epistolar**, que o levava a interagir com pessoas as mais diversas (ao longo de seus anos, Vicente teria escrito aproximadamente 30 mil cartas), e a **orientação espiritual** concedida a padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas de várias esferas sociais.

Sabemos, porém, que estas não eram atividades meramente funcionais, estanques, frenéticas, desprovidas de referenciais seguros e finalidades claras.<sup>11</sup> Em Vicente de Paulo, o *fazer* é irradiação do *ser*. Todas as suas realizações e empenhos se mostravam alinhados ao horizonte mais amplo de sua experiência espiritual: nasciam de sua busca constante da vontade do Senhor, modelavam-se pelo frescor de sua comunhão com Cristo e se direcionavam para a caridade missionária. Em tudo, Vicente procurava discernir os apelos de Deus, nas pessoas e nos acontecimentos, particularmente na sorte dos pobres e nas necessidades da Igreja, seguindo passo a passo as indicações

<sup>10</sup> FERNÁNDEZ. El pobre en el corazón de San Vicente, p. 523-524.

<sup>11</sup> Sobre as obras e feitos de São Vicente e o espírito que dinamizava suas ações, vale conhecer o excelente artigo do Padre R. Maloney: *Conjugar la acción y la contemplación: una clave para entender a Vicente de Paulí. Vincentiana*, Roma, año 44, n. 2, mar./abr. 2000, p. 175-192.

da Providência, harmonizando sua fé e sua experiência. Como testemunha L. Abelly, primeiro biógrafo do ardoroso pai dos pobres: “Em todas as suas ações, seu espírito estava continuamente atento à presença de Deus”.<sup>12</sup> Vale aqui a ilustração, devidamente aplicada à experiência de São Vicente: assim como o impacto de uma queda d’água é regulado pela altura de sua proveniência, do mesmo modo, a eficácia de uma vida apostólica deve ser medida pela altura e pela profundidade da fonte que a origina e nutre.

No dia 27 de setembro de 1660, aquebrado pelas traiçoeiras moléstias que lhe debilitavam o corpo octogenário, mas sobretudo coroados dos méritos que a caridade e a missão lhe impuseram, Vicente de Paulo se deixou conduzir aos prados eternos, onde seu coração encontraria enfim o ansiado descanso. De lá, plenificado pelo amor que o cativou e impeliu, contempla-nos e encoraja-nos a passar pelo “*grande sertão*” da história, abrindo novas “*veredas*” de esperança.

## 2. Uma mística profética

Em que sentido alguém pode ser considerado um místico? Há muitas respostas possíveis para esta pergunta. A ninguém escapa, porém, que algumas características definem substancialmente uma pessoa marcadamente mística, dotada de vigorosa interioridade, habitada por convicções profundas, iluminada por ideais elevados, dinamizada por uma consciência esclarecida. E tudo isso se exprime em uma consistente fibra moral, em uma personalidade equilibrada e em uma práxis coerente e perseverante. No horizonte da fé cristã, todo místico se distingue por sua familiaridade com o mistério de Deus, por sua apaixonada identificação com Jesus Cristo, por sua docilidade às moções do Espírito. Nessa perspectiva, mística é a pessoa que se reconhece alcançada e envolvida por um amor que a encanta e compromete, aclarando seu entendimento, mobilizando sua vontade e empenhando sua liberdade. Este amor não se confunde com uma força cósmica, um

<sup>12</sup> ABELLY, Louis. La vie du vénérable serviteur de Dieu Vincent de Paull, instituteur et premier supérieur general de la Congrégation de la Mission. Paris: Florentin Lambert, 1664, tomo III, p. 49.

sentimento fugaz ou um conceito abstrato. Esse amor pessoal é Deus mesmo, que se oferece como dádiva, como fonte de sentido verdadeiro, permitindo ao ser humano a graça imerecida e a alegria indizível de experimentá-lo, acolhê-lo e conhecê-lo, sem, contudo, esgotá-lo. A experiência de Deus, o acolhimento de seu amor e o conhecimento de seu mistério se desenvolvem no seguimento de Jesus Cristo e na receptividade aos dons do Espírito. A mística cristã não é uma realidade meramente interior, não se restringe a arroubos emotivos, nem exige fenômenos sobrenaturais para testificar sua autenticidade e eficácia. A densidade de uma mística se verifica sobretudo no exercício das virtudes teologais, em uma fé confiante, em uma esperança dinâmica, em um amor oblato. Dito de outra maneira, embora germine nas profundezas do ser, a mística produz e oferece seus frutos na vida cotidiana, na tessitura das relações interpessoais, no procedimento ético, na palavra transparente, na entrega generosa de si mesmo, no testemunho convicto e convincente da verdade.<sup>13</sup> Mística é, portanto, mistério de graça e liberdade, de dom e compromisso, de oferta e acolhida, no qual a fineza da iniciativa do Senhor se alia ao ser humano que a ele se abandona.

Na trajetória de São Vicente de Paulo, delineia-se uma mística do mais alto quilate, uma profunda e radical experiência de Deus e uma visceral assimilação dos sentimentos e atitudes de Jesus Cristo, alentadas em um processo gradual de conversão e comprovadas na fidelidade inquebrantável de uma vida inteiramente doada à evangelização e ao serviço dos pobres. São Vicente trilhou os caminhos de Deus, porque primeiro Deus percorreu os caminhos de sua história, iluminando-lhe a estrada, encorajando seus passos, corrigindo desvios, indicando novos percursos, fazendo do homem ambicioso e irrequieto de outrora um singular “instrumento de sua imensa e paternal caridade, que quer estabelecer-se e dilatar-se nas almas” (SV XII, 262). A percepção interior desse mistério configurou a mística de Vicente, dando-lhe um coração capaz de

<sup>13</sup> Inequivocamente, os místicos “acolhem, consciente e livremente, o dom do Espírito. Vivem, ao impulso da fé, da esperança e do amor teologal, a indignação ética, a compaixão solidária, o compromisso ativo, a perseverança e a alegria, no serviço humilde aos irmãos. Acolhem com gratidão a experiência de uma presença, a contemplação saborosa do mistério que lhes trabalha o coração” (GROSSI. Um místico da Missão, p. 297).

se enternecer diante das misérias de seu tempo e de perscrutar os apelos da Providência em cada encontro ou confronto que a vida lhe proporcionava. Foi o que se deu, por exemplo, em Gannes-Folleville (janeiro de 1617), no encontro com um pobre camponês desejoso da paz que só o perdão de Deus poderia lhe conceder e no confronto com o abandono espiritual do povo do campo. A fé permitiu ao Padre Vicente intuir o apelo a entregar sua vida à evangelização dos pobres, unindo-se a outros sacerdotes igualmente tocados pela situação. Em Châtillon-les-Dombes (agosto de 1617), outro retrato da carência humana, o encontro com uma família inteira debilitada pela doença e desprovida do elementar a uma sobrevivência digna. Confrontado com a indigência e edificado com a generosidade espontânea de tantos, Vicente capta o apelo do Senhor a uma caridade inteligente, compassiva e organizada. Ainda o encontro com o zeloso bispo de Beauvais (1628) e o confronto com o estado de imoralidade e ignorância em que boa parcela do clero se via lançada. Foi o suficiente para que o espírito lhe revolvesse as entranhas e o guiasse, por sendas até então intocadas, a um titânico empenho de reforma do estado eclesiástico, de cuja eficácia o futuro dará testemunho. Na leitura contemplativa dos acontecimentos e em suas respostas audazes às interpelações deles advindas, refulge a fibra heroica da fé de Vicente de Paulo e o viço de sua mística.

Em São Vicente, descobrimos um autêntico místico, um abalizado mestre espiritual, *um contemplativo na ação e na oração*, que soube reconhecer e secundar a ação da Divina Providência em sua vida e na história, transmitindo com diligência aquilo que contemplava.<sup>14</sup> O empenho caritativo deste homem esquecido de si e doado aos outros dimanava de uma profunda experiência de Deus, tal como o regato que flui de sua nascente. Seu ardor apostólico hauria vigor de uma vida fecundada pelo Espírito, como a planta que frutifica graças ao que lhe vem de suas raízes. Tudo o que fazia era, na verdade, como um raio que se desprendia do sol que o iluminava por dentro. A familiaridade de Vicente com o Senhor - geradora de convicção, compromisso e coerência - desaguava

<sup>14</sup> "Contemplata allis tradere", como sugere a tradição tomista.

em sabedoria prática, caridade audaciosa e ardor missionário. De sua mística – uma “mística de olhos abertos”<sup>15</sup> – nascia o vigor de sua profecia. Era no recato da oração que se perfilava sua arte de formar e transformar. Como recorda o Papa Francisco, sem interioridade, “toda ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim das contas, carecer de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus”.<sup>16</sup> Transfigurada pela presença de Deus, a vida de Vicente de Paulo tornou-se reflexo e irradiação da compaixão ativa de Jesus Cristo para com os pobres, nos quais podia contemplar e apalpar a imagem de seu Mestre e Senhor a tocar-lhe a consciência e o coração, sempre mais dilatados e esclarecidos pela Graça. Seu primeiro biógrafo reteve esta sua declaração: “Não se pode esperar muito de um homem que não gosta de entreter-se com Deus. Se alguém não cumpre como deve suas tarefas no serviço de Nosso Senhor, é porque não se uniu a ele e não lhe pediu o auxílio de sua graça com uma perfeita confiança”.<sup>17</sup>

Com efeito, a veia mística de São Vicente transparece em sua insistência sobre o valor imprescindível da vida espiritual. Certa vez, desejoso de ajudar no discernimento de um austero e laborioso Missionário, que se declarava atraído pelo recolhimento dos Cartuxos, afirmou o fundador da Missão: “A vida apostólica não exclui a contemplação, mas a abraça e dela se prevalece para melhor conhecer as verdades eternas que deve anunciar” (SV III, 347). Em diversas ocasiões, Vicente se mostrará profundamente convencido da necessidade de cultivar a dimensão propriamente contemplativa da vocação de seus Missionários, valendo-se sobretudo da prática da oração: “Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo. Poderá dizer com o santo Apóstolo: ‘Tudo posso naquele que me sustenta e conforta’ (Fl 4, 13). A Congregação da Missão subsistirá enquanto o exercício da oração

<sup>15</sup> Expressão formulada pelo teólogo alemão Johann Baptist Metz, colocada como título de uma de suas obras, publicada em 2011.

<sup>16</sup> FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* [EG]. Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 259.

<sup>17</sup> ABELLY, tomo III, p.50. “A oração o levava a evangelizar os pobres e estes o devolviam ao recinto de sua interioridade para continuar na estrada do seguimento de Jesus compassivo e misericordioso” [ORCAJO. San Vicente de Paúl, místico de todo tempo, p.154].

nela for fielmente praticado, porque a oração é como uma fortaleza inexpugnável que protegerá os Missionários contra toda sorte de ataques” (SV XI,83). Mais contundente ainda é a conclusão desta repetição de oração: “Demo-nos todos a esta prática de oração, pois é por ela que nos vêm todos os bens. Se perseveramos em nossa vocação, é graças à oração; se vamos bem em nossos trabalhos, é graças à oração; se não caímos no pecado, é graças à oração; se permanecemos na caridade, se nos salvamos, tudo isso é graças a Deus e à oração. Como Deus não recusa nada a quem reza, assim também não concede quase nada sem oração” (...). Peçamos, pois a Deus, com toda humildade, que nos faça entrar nesta prática” (SV XI, 407-408). Só um autêntico místico é capaz de dar à oração o lugar que lhe é devido, como exercício que nos predispõe a receber com docilidade o que o Senhor nos quer dar para tornar frutuosa nossa vida e aprimorar nosso empenho missionário.<sup>18</sup> Às Filhas da Caridade, chamadas a ser como “*outras Santa Teresa*”, o fundador assegurará que “a oração é tão excelente que nunca se reza demais e, quanto mais rezamos, mais queremos rezar, quando na oração buscamos a Deus” (SV IX, 417). Por isso, constata, “é impossível que uma Filha da Caridade possa viver sem oração” (SV X, 583).

Não fosse a intensa vida interior que perpassava o cotidiano do Padre Vicente e irrigava sua colossal atividade apostólica, jamais conheceríamos o intrépido evangelizador e servidor dos pobres que “quase mudou a face da Igreja”<sup>19</sup> e da sociedade de seu tempo, atravessando os séculos como o santo da caridade e da missão. Com H. Brémond, não hesitamos em afirmar que “a santidade o tornava [a Vicente de Paulo] verdadeira e eficazmente caritativo”, embora devamos acrescentar que a caridade, acolhida na fé e testemunhada no serviço, constituía o impulso fundamental de sua santidade. Se, por um lado, “não foram os pobres que o deram a Deus, mas Deus que o deu aos pobres”,<sup>20</sup> por outro, foram os

<sup>18</sup> Vicente de Paulo se servia de muitas imagens para ilustrar a importância e a necessidade da oração: ela é para a alma o que o alimento é para o corpo (SV IX, 416); é uma fonte de rejuvenescimento interior (SV IX, 217); revigoramento para o serviço dos pobres (SV IX, 416); pregação que fazemos a nós mesmos para nos convencer da necessidade que temos de Deus (SV XI, 84); orvalho que fertiliza nossa vida (SV IX, 402), etc.

<sup>19</sup> “*Il a presque changé le visage d'Église!*”, expressão atribuída a um dos célebres pregadores dos funerais de São Vicente, o bispo de Henri Maupas de Tours.

<sup>20</sup> *Histoire littéraire du sentiment religieux em France*, tomo III, p. 229.

pobres - abrigados primeiro em seu coração e em suas obras - que abriram caminho para que Vicente encontrasse ou se deixasse encontrar pelo Deus de sua vida e de sua vocação, impregnando-se dos sentimentos e atitudes de Jesus Cristo, revestindo-se de seu espírito, como recomendará em distintas ocasiões, como neste colóquio com seus Padres e Irmãos da Missão: “Quão importante é revestir-se do espírito de Jesus Cristo! Isso quer dizer que, para aperfeiçoar-nos, para atender utilmente o povo e para bem servir aos eclesiásticos, temos de esforçar-nos por imitar a perfeição de Jesus Cristo e procurar chegar a ela. Isso quer dizer também que não podemos nada por nós mesmos. Temos de encher-nos e deixar-nos animar deste espírito de Jesus Cristo” (SV XII, 107-108). Com razão, concluirá Brémond: “Quem vê Vicente de Paulo mais filantropo do que místico; quem não o vê místico antes de tudo, representa um Vicente de Paulo que jamais existiu”.<sup>21</sup> E o motivo é claro: o coração de Vicente de Paulo “é o coração de um santo, não de um ativista. É o coração de um homem de fé, não o de um ideólogo”.<sup>22</sup> Resta-nos, pois, escutar o que seu coração experimentou e quer nos transmitir, com a jovialidade de quem se reconhece alcançado por Cristo e por ele enviado aos pobres.

Na mística vicentina, santidade, caridade e missão se exigem e possibilitam mutuamente, porque procedem todas do coração do Pai, encontram em Cristo seu referencial permanente e se alimentam da força criativa do mesmo Espírito. Em seus didáticos conselhos a um jovem Padre da Missão, nomeado superior de um seminário, São Vicente insiste: “É preciso que vos esvazieis de vós mesmo para vos revestir de Jesus Cristo”. E, ao final, acrescenta um apelo à prática da oração como meio indispensável para assimilar o espírito de Cristo: “Uma coisa importante, à qual deveis vos aplicar cuidadosamente, é ter grande comunicação com Nosso Senhor na oração. Este é o reservatório onde encontrareis as instruções que vos serão necessárias para cumprir a função que ides desempenhar” (SV XI, 343-344). Viver e agir segundo o espírito de Cristo, eis o segredo da vida de Vicente de Paulo e o fundamento

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 218.

<sup>22</sup> FERNÁNDEZ. *El pobre em el corazón de San Vicente*, p. 516.

revitalizador de sua mística profética! Esta é também a experiência que nos transmite, com vivacidade de seu espírito todo impregnado do Evangelho.

A mística de São Vicente aflora em suas palavras impregnadas de fé e em suas obras repletas de misericórdia. Palavras e obras são como efusões de seu coração plenificado pela Graça. Certa ocasião, um Padre da Missão declarou a outro Coirmão: “Não posso exprimir com que efusão, com que abundância do Espírito de Deus ele falava, com que chama, com que veemência! Posso apenas dizer que meu coração estava repleto de alegria e contentamento” (SV XI, 117). Para demonstrar a força persuasiva das palavras de nosso fundador, capazes de encher de júbilo os corações de seus Missionários, nada melhor do que este testemunho do Irmão B. Ducournau, incontido admirador e fidelíssimo secretário do místico da caridade missionária: “Ele fala com uma força incomum. A eloquência e a graça que o animam o fazem tratar os menores assuntos com tanta devoção que ele a comunica sempre aos que o escutam, imprimindo-lhes na alma estima e reverência por tudo o que diz respeito a Deus, e afeição pelas Regras e prática da Missão. Por isso, todos ficam atentos quando ele fala, e vários ficam arrebatados ao ouvi-lo. Os ausente, com frequência, informam-se do que disse e demonstram pesar por não estarem presentes (...) Quem fala como ele, com tanta sabedoria, eficácia e amor, sem esmero de preparação e sem ostentação? (...) É o superior escolhido por Deus para injetar espírito e vida nos membros do corpo” (SV XII, 447-448). Como assevera A. Orcajo: “Vicente de Paulo, como testemunha da Palavra de Deus, falava da abundância de um coração abrasado pelo fogo do Evangelho”.<sup>23</sup> Com efeito, as palavras do santo Pai, mais do que artificios retóricos, eram transbordamentos de um coração que ardia, cintilações de uma alma verdadeiramente mística, inflamada pela caridade de Cristo.

As palavras de São Vicente convenciam e entusiasmavam, porque nasciam de convicções assumidas na fé e vividas em seu cotidiano. Exemplo disso é a paixão missionária que tantas vezes

<sup>23</sup> ORCAJO. San Vicente de Paúl, místico de todo tempo, p. 149.

transmitiu aos seus e que reluzia em sua vida e ministério. Já septuagenário, escreve a uma fiel colaboradora, encarregada de uma das Confrarias da Caridade: “Vou dar continuidade à missão de Sevan, a quatro léguas daqui. Talvez não possa deixá-la na sexta-feira, para vir à assembleia. Suplico-vos, senhora, apresentar minhas escusas. Parece-me que ofenderia a Deus, se não fizesse tudo que posso pelos pobres do campo” (SV IV, 586-587). Quando os achaques da idade se impuseram, sentiu profundamente, como uma dolorosa privação, a impossibilidade de partir em missão para os lugarejos mais abandonados. Nada lhe parecia mais necessário, importante e recompensador do que se dedicar, juntamente com seus Padres e Irmãos, a evangelizar os pobres:<sup>24</sup> “Infelizes de nós se nos tornarmos relaxados na obrigação que temos de socorrer as pobres almas, pois nós nos entregamos a Deus para isso, e Deus o espera de nós”. E, extravasando seu ardor apostólico, conclui com emoção: “No que a mim se refere, apesar de minha idade, diante de Deus, não me sinto dispensado da obrigação que tenho de trabalhar pela salvação dessa pobre gente. Quem poderia me impedir? Se não pudesse pregar todos os dias, eu o faria duas vezes por semana. Se não pudesse subir aos grandes púlpitos, tentaria fazê-lo dos pequenos. Se não me escutassem desses pequenos púlpitos, quem me impediria de falar simples e familiarmente com esse bom povo, como vos falo agora, fazendo-os se aproximarem de mim, como os senhores estão agora?” (SV XI, 136). Palavra e vida em perfeita harmonia, como fruto de uma entranhada mística, que jamais se perdeu em voos especulativos e altas elucubrações, sem separar profundidade espiritual e relevância prática, intensa contemplação e qualificada atuação.

Poucos missionários conseguiram ser tão místicos como Vicente de Paulo, assim como poucos místicos chegaram a ser tão apostólicos como o *profeta da caridade missionária*. Seu conceito de missionário é um retrato de seu próprio perfil espiritual: “Um missionário, um verdadeiro missionário é um homem de Deus, um homem que tem um espírito de Deus” (SV XI, 202). Por fim, citamos a belíssima oração brotada do coração místico de nosso fundador,

<sup>24</sup> Conferir também: SV XI, 258; XII, 3, 5, 367.

em uma de suas substanciosas conferências a seus Padres e Irmãos: “Ó meu Deus, concedei-me a graça de que vosso santo amor se grave bem profundamente em meu coração, que ele seja a vida de minha vida e a alma de minhas ações, a fim de que, jorrando para fora, penetre e opere também nas almas daqueles aos quais me dedicarei” (SV XII, 263). A vida de Vicente de Paulo foi assim: o manancial de sua mística era um contínuo extravasamento do amor gravado no recôndito de seu coração, amor que nutria sua vida e transparecia em suas ações, amor que encorajava todas as pessoas que se confiavam à sua orientação, amor que, acima de tudo, cobria a nudez dos pobres e sofredores, enxugando-lhes as lágrimas, minorando suas dores, recriando suas esperanças e dando-lhes a certeza de que Deus os escolhera, por pura graça e misericórdia, para torná-los “ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam” (Tg 2,5).

### 3. Uma profecia mística

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata*<sup>25</sup> faz duas significativas referências a São Vicente de Paulo, colocando em evidência o profetismo de sua mística. Ambas se situam no capítulo intitulado *Servitium caritatis: A VC, epifania do amor de Deus no mundo, secção O amor até o fim*. Logo depois, no capítulo seguinte, o Papa João Paulo II lembra o alcance do profetismo da VC para a Igreja e o mundo: “A função de sinal, que o Concílio Vaticano II atribui à VC, exprime-se no testemunho profético da primazia que Deus e os valores do Evangelho têm na vida cristã. Em virtude desta primazia, nada pode ser preferido ao amor pessoal por Cristo e pelos pobres, nos quais ele vive” (n. 84). As referências a São Vicente respaldam essa afirmação.

A primeira referência (n. 75) tem como ponto de partida o gesto do lava-pés (Jo 13, 1-5), através do qual o Senhor Jesus quis revelar a profundidade do amor de Deus que se põe a serviço da humanidade. Neste gesto surpreendente, manifesta-se também o sentido essencial da vocação dos discípulos de Cristo: o “amor oblato, de serviço concreto e generoso”. Viver deste amor com

a largueza do coração de Cristo, com a força invencível de sua caridade, constitui o âmago da VC. Em seguida, o Papa recorda a figura do apóstolo Pedro que, depois de contemplar extasiado o esplendor da Transfiguração, é convidado a voltar à missão de servir ao Reino de Deus. Com efeito, “o olhar fixo no rosto do Senhor não diminui no apóstolo o empenho a favor do homem: pelo contrário, reforça-o, dotando-o de uma nova capacidade de influir na história, para libertá-la de tudo quanto a deforma”. Conclui o Santo Padre: “A busca da beleza divina impele as pessoas consagradas a cuidarem da imagem divina deformada nos rostos de irmãos e irmãs: rostos desfigurados pela fome, rostos desiludidos pelas promessas políticas, rostos humilhados de quem vê desprezada a própria cultura, rostos assustados pela violência cotidiana e indiscriminada, rostos angustiados de menores, rostos de mulheres ofendidas e humilhada, rostos cansados de migrantes sem um digno acolhimento, rostos de idosos sem as mínimas condições para uma vida digna. A VC prova assim, com a eloquência das obras, que a caridade divina é fundamento e estímulo do amor gratuito e operoso”. E alude, enfim, a São Vicente: “Bem convencido disto estava **São Vicente de Paulo**, quando indicava às Filhas da Caridade este programa de vida: ‘O espírito da Companhia consiste em dar-se a Deus para amar Nosso Senhor e servi-lo na pessoa dos pobres material e espiritualmente, em suas casas e em outros lugares, para instruir as meninas pobres, as crianças, e em geral todos aqueles que a Divina Providência vos manda’ (SV IX, 592)”. Justa aplicação da profecia mística de Vicente de Paulo: precisamos receber continuamente de Cristo o amor que devemos e desejamos oferecer aos irmãos, particularmente aos pobres. A caridade reúne em si um duplo movimento: contemplar e agir, acolher e entregar, adorar e servir. Nada suprime, portanto, a necessidade e a urgência desse “amor oblato, de serviço concreto e generoso”, que harmoniza o corporal e o espiritual, o anúncio do evangelho e a promoção da dignidade humana. Mas só serviremos bem, sem humilhar ou acomodar, *amando com o coração de Cristo*, em cuja vida podemos reconhecer a verdadeira medida do “amor inventivo

---

<sup>25</sup> JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata*. Sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo.

até o infinito”, como ensina o profeta da caridade missionária (SV XI, 145).

A segunda referência a São Vicente está inserida no tópico sobre *a predileção pelos pobres e a promoção da justiça* (n.82). Aqui, o ponto de partida é a proclamação da missão de Jesus na sinagoga de Nazaré, texto muito caro a Vicente de Paulo, que escolheu como divisa de seus Missionários as palavras que o Filho de Deus tomou do profeta Isaías para definir o conteúdo programático de sua obra salvadora: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4, 18). Afirmção inconfundível da predileção de Cristo pelos pobres, predileção que ele aprendeu de seu Pai (Is 66,2; Lc 19,21). Tal predileção exige e encoraja a opção da Igreja pelos últimos da sociedade e seu empenho no serviço da caridade e na transformação das estruturas geradoras de pobreza. “O Evangelho torna-se efetivo através da caridade, que é glória da Igreja e sinal de sua fidelidade ao Senhor”. O Papa recorda que, embora todos os discípulos de Cristo estejam obrigados a essa predileção, “aqueles que querem seguir o Senhor mais de perto, imitando suas atitudes, não podem deixar de se sentirem implicados de modo absolutamente particular em tal opção”. Ao longo de sua história, a VC se revelou “uma exegese viva da palavra de Jesus: ‘Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes’ (Mt 25,40)”. E o Pontífice tira algumas consequências muito alinhadas à vocação dos(as) consagrados(as): viver como pobres, assumindo um estilo de vida humilde e austero, e abraçar a causa dos pobres, sem vinculações ideológicas, dispostos a denunciar as injustiças e promover a justiça nos ambientes onde atuamos. Aparece, então, São Vicente de Paulo, lembrado por sua intuição de que, “quando se tem de deixar a oração para ir prestar assistência a um pobre em necessidade, na realidade a oração não é interrompida, porque ‘se deixa Deus para ir estar com Deus’ (SV IX, 319)”. Só mesmo uma pessoa de fé, que se nutre constantemente da oração e aí encontra o Senhor, poderá também reconhecê-lo, acolhê-lo e servi-lo na pessoa de cada irmão empobrecido que lhe estende a mão e apela à sua disponibilidade, porque, afinal, como ensina São Vicente,

não basta fazer o bem, é preciso fazê-lo bem, a exemplo de Nosso Senhor, de quem se dizia: 'Ele faz bem todas as coisas' (Mc 7, 37). (SV XII, 179). Por isso, servir bem aos pobres, segundo o espírito de Cristo, será sempre "selo de fidelidade ao Evangelho e estímulo de conversão permanente para a VC".

Destas duas alusões a Vicente de Paulo como luminar da profecia mística da VC, concluímos que nossa consagração missionária é movida pela fé em Cristo, pela identificação profunda e dinâmica com sua pessoa, pela participação em seu mistério de incondicional amor. Sem a fé, a caridade ficaria carecendo de sua fonte e deixaria de ser princípio de vida, caminho de santidade e impulso apostólico. Fora do horizonte aberto pela fé e pela caridade, a Vida Consagrada perderia sua profundidade mística e seu elan profético, porque "só o amor é digno de fé".<sup>26</sup>

A profecia da Vida Consagrada passa necessariamente por sua radical identificação com Cristo, fundamento de sua decisiva orientação para o mistério de Deus (mística), da fraternidade que reúne e fortalece membros (comunidade) e de seu compromisso com o Reino, concretizado em diferentes modos de presença e atuação na Igreja e no mundo (missão). As expectativas do Papa Francisco para o recente Ano da Vida Consagrada sintetizam os valores e as exigências da profecia mística que somos chamados a aprofundar e a exercer, mediante uma radical intimidade com o Deus e Pai de Jesus Cristo:<sup>27</sup> **felicidade** experimentada e demonstrada na vivência íntegra e comprometida de nossa vocação, de modo a "transparecer a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir o Cristo"; **profecia** capaz de "despertar o mundo" para a "lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento, do amor recíproco", colocando-nos em atitude de discernimento da voz de Deus nos acontecimentos da história; **comunhão fraterna**, "que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua, e

<sup>26</sup> Título da célebre obra de H. U. Von Balthasar: *Seul l'amour est digne de foi*. Paris: Seuil, 1965.

<sup>27</sup> Carta Apostólica às pessoas consagradas. Para proclamar o ano da Vida Consagrada, cap. II. Especificamente sobre a profecia, diz o pontífice: "Espero que 'desperteis o mundo', porque a nota característica da Vida Consagrada é a profecia (...). Esta é a prioridade que agora se requer: 'ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra (...). Um consagrado não deve jamais renunciar à profecia' (n.2).

nos preserve da doença de autorreferencialidade”, habilitando-nos para promover a “mística de viver juntos” na Igreja e na sociedade; **sair de nós mesmos para ir às periferias existenciais**, onde se acham “pessoas que perderam a esperança. Famílias em dificuldades, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino”; **interrogar-nos sobre o que Deus e a humanidade pedem à Vida Consagrada**, de forma que os Institutos, contemplativos ou apostólicos, avaliem a qualidade de “sua presença na vida da Igreja e seu modo de responder às incessantes e novas solicitações que se levantam ao nosso redor e ao clamor dos pobres”. Por fim, o Santo Padre nos convida a louvar o Senhor pela mística e pela profecia da Vida Consagrada, recordando o legado de santidade e caridade de fundadores(as) da têmpera primaveril de São Vicente de Paulo e de tantos outros que marcaram a história da Igreja.

Particularmente neste Ano Jubilar, 400 anos do carisma que lhe foi dado, a Família Vicentina bendiz o Senhor pela fecundidade de tantas pessoas consagradas que testemunharam e seguem testemunhando a alegria de pertencer a Cristo e servir aos irmãos mais pobres, com ardor, sabedoria e paixão, movidas pela profecia mística aprendida de seu fundador.

### HOMILIA DO PAPA FRANCISCO NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A ABERTURA DO SÍNODO SOBRE SINODALIDADE

*Basilica de São Pedro Domingo, 10 de outubro de 2021*

Um homem rico foi ao encontro de Jesus, “quando [Este] Se punha a caminho” (Mc 10, 17). Os Evangelhos apresentam-nos muitas vezes Jesus “a caminho”, fazendo-Se companheiro do homem no seu caminho e ouvindo os interrogativos que habitam e inquietam o seu coração. Assim se revela que Deus não habita em lugares assépticos, em lugares pacatos, distantes da realidade, mas caminha conosco e vem encontrar-nos onde estamos, nas estradas por vezes acidentadas da vida. E hoje, ao abrir este percurso sinodal, começemos todos (Papa, bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos, irmãs e irmãos leigos) por nos interrogar: nós, comunidade cristã, encarnamos o estilo de Deus, que caminha na história e partilha as vicissitudes da humanidade? Estamos prontos para a aventura do caminho ou, temerosos face ao desconhecido, preferimos refugiar-nos nas desculpas “não adianta” ou “sempre se fez assim”?

Fazer Sínodo significa caminhar pela mesma estrada, caminhar em conjunto. Fixemos Jesus, que, na estrada, primeiro *encontra* o homem rico, depois escuta as suas perguntas e, por fim, ajuda-o a *discernir* o que fazer para ter a vida eterna. *Encontrar, escutar, discernir*: três verbos do Sínodo, nos quais me quero deter.

*Encontrar.* O Evangelho começa, narrando um encontro. Um homem vai ao encontro de Jesus e ajoelha-se diante d'Ele, colocando-Lhe uma pergunta decisiva: “Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?” (Mc 10, 17). Uma questão tão importante exige atenção, tempo, disponibilidade para encontrar o

outro e deixar-se interpelar pela sua inquietação. De fato, o Senhor não fica indiferente, nem Se mostra aborrecido ou incomodado; pelo contrário, detém-Se com ele. Está disponível para o encontro. Nada O deixa indiferente, tudo O apaixona. Fixar os rostos, cruzar os olhares, partilhar a história de cada um: tal é a proximidade de Jesus. Ele sabe que um encontro pode mudar a vida. E o Evangelho está constelado de encontros com Cristo que reanimam e curam. Jesus não tinha pressa, não olhava o relógio para terminar depressa o encontro. Estava sempre ao serviço da pessoa que encontrava, para a escutar.

Também nós, que iniciamos este caminho, somos chamados a tornar-nos peritos na *arte do encontro*; peritos, não na organização de eventos ou na proposta duma reflexão teórica sobre os problemas, mas, antes de mais nada, na reserva de um tempo para encontrar o Senhor e favorecer o encontro entre nós: um tempo para dar espaço à oração, à adoração - uma oração que tanto transcuramos: adorar, dar espaço à adoração -, àquilo que o Espírito quer dizer à Igreja; para fixar-se no rosto e na palavra do outro, encontrar-nos face a face, deixar-se tocar pelas perguntas das irmãs e dos irmãos, ajudar-nos a fim de que a diversidade de carismas, vocações e ministérios nos enriqueça. Como sabemos, cada encontro exige abertura, coragem, disponibilidade para se deixar interpelar pelo rosto e a história do outro. Enquanto, às vezes, preferimos refugiar-nos em relações formais ou usar máscaras de ocasião - o espírito clerical e de corte: são mais *Senhor, Abade*, que padre -, o encontro muda-nos e, muitas vezes, sugere-nos novos caminhos que não pensávamos percorrer. Hoje, depois do *Angelus*, receberei um bom grupo de pessoas sem eira nem beira; juntam-se simplesmente, porque há um grupo de pessoas que as vão escutar, unicamente ouvi-las. E, partindo da escuta, conseguiram começar a caminhar. A escuta. Com frequência é assim precisamente que Deus nos indica os caminhos a seguir, fazendo-nos sair dos nossos hábitos cansados. Muda tudo, quando somos capazes de encontros verdadeiros com Ele e entre nós... sem formalismos, nem fingimentos, nem maquiagem.

Segundo verbo: *escutar*. Um verdadeiro encontro só pode nascer da escuta. De fato, Jesus coloca-Se à escuta da pergunta daquele

homem e da sua inquietação religiosa e existencial. Não dá uma resposta de rotina, não oferece uma solução pré-fabricada, nem finge responder com amabilidade apenas para Se livrar dele e prosseguir o seu caminho. Simplesmente o escuta. Escuta-o todo o tempo que for preciso, sem pressa. E - a coisa mais importante - Jesus não tem medo de o *escutar com o coração*; não Se contenta de o fazer apenas com os ouvidos. Com efeito, a sua resposta não se limita a retorquir à pergunta, mas permite ao homem rico contar a sua história, falar livremente de si mesmo. Cristo lembra-lhe os mandamentos, e ele começa a falar da sua infância, a partilhar o seu percurso religioso, o modo como se esforçou por procurar a Deus. Quando ouvimos com o coração, o outro se sente acolhido, não julgado, livre para contar a sua vivência e o próprio caminho espiritual.

Interroguem-nos, com sinceridade, neste itinerário sinodal: Como estamos quanto à escuta? Como está “o ouvido” do nosso coração? Permitimos que as pessoas se expressem, caminhem na fé mesmo se têm percursos de vida difíceis, contribuam para a vida da comunidade sem ser estorvadas, rejeitadas ou julgadas? Fazer Sínodo é colocar-se no mesmo caminho do Verbo feito homem: é seguir as suas pisadas, escutando a sua Palavra juntamente com as palavras dos outros. É descobrir, maravilhados, que o Espírito Santo sopra de modo sempre surpreendente para sugerir percursos e linguagens novos. Aprender a ouvir-nos uns aos outros - bispos, padres, religiosos e leigos; todos, todos os batizados - é um exercício lento, talvez cansativo, evitando respostas artificiais e superficiais, respostas pronto-a-vestir... essas não! O Espírito pede para nos colocarmos à escuta das perguntas, preocupações, esperanças de cada Igreja, de cada povo e nação; e também à escuta do mundo, dos desafios e das mudanças que o mesmo nos coloca. Não insonorizemos o coração, não nos blindemos nas nossas certezas. Muitas vezes as certezas fecham-nos em nós mesmos. Escutemo-nos.

Por fim, *discernir*. O encontro e a escuta recíproca não são um fim em si mesmos, deixando as coisas como estão. Pelo contrário, quando entramos em diálogo, pomos-nos em questão, pomos-nos a

caminho e, no fim, já não somos os mesmos de antes, mudamos. Assim nos mostra o Evangelho de hoje. Jesus intui que o homem à sua frente é bom, religioso e pratica os mandamentos, mas quer conduzi-lo para além da simples observância dos preceitos. No diálogo, ajuda-o a discernir. Propõe-lhe olhar dentro de si próprio, à luz do amor com que Ele mesmo – ao fixá-lo – o ama (cf. Mc 10, 21), e, nesta luz, discernir a que é que está verdadeiramente apegado o seu coração; para depois descobrir que o seu bem não passa por aumentar o número de atos religiosos, mas, ao invés, esvaziar-se de si mesmo: vender aquilo que preenche o seu coração, para dar espaço a Deus.

Trata-se duma indicação preciosa também para nós. O Sínodo é um caminho de discernimento espiritual, de discernimento eclesial, que se faz na adoração, na oração, em contato com a Palavra de Deus. E a segunda Leitura de hoje diz-nos precisamente que a Palavra de Deus “é viva, eficaz e mais afiada que uma espada de dois gumes; penetra até à divisão da alma e do corpo, das articulações e das medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração” (Hb 4, 12). A Palavra abre-nos ao discernimento e ilumina-o. Guia o Sínodo, para que não seja uma “convenção” eclesial, um convênio de estudos ou um congresso político, para que não seja um parlamento, mas um evento de graça, um processo de cura conduzido pelo Espírito. Nestes dias, Jesus chama-nos – como fez com o homem rico do Evangelho – a esvaziar-nos, a libertar-nos daquilo que é mundano e também dos nossos fechamentos e dos nossos modelos pastorais repetitivos, a interrogar-nos sobre aquilo que Deus nos quer dizer neste tempo e sobre a direção para onde Ele nos quer conduzir.

Queridos irmãos e irmãs, bom caminho em conjunto! Sejamos peregrinos enamorados do Evangelho, abertos às surpresas do Espírito Santo. Não percamos as ocasiões de graça do encontro, da escuta recíproca, do discernimento. Com a alegria de saber que, enquanto procuramos o Senhor, é Ele quem primeiro vem ao nosso encontro com o seu amor.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.html>

## TEXTO DA MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DA ASSEMBLEIA GERAL, EM 20 DE NOVEMBRO DE 2021

Queridas Irmãs, vocês estão reunidas em Assembleia, na sua Casa Mãe, na rua du Bac, em Paris, para refletir, à luz do Evangelho, sobre sua missão.



O tema que escolheram é bastante corajoso, *Ephata*. Ele as orienta a aprofundar a necessidade de “sair porta afora”..., de não se cansar de “ir para” e “encontrar”.

Esta é a sua especificidade desde o início. Uma Companhia de mulheres feita para levar o amor de Cristo aos pobres.

Foi isto que as levou, em todo o mundo, não só a cuidar dos pobres em grandes institutos, hospitais, orfanatos e escolas, mas também a visitá-los, a ir ao encontro deles nos lugares onde vivem, a participar com eles dos caminhos de crescimento humano, de promoção da vida e de atenção espiritual.

Convido-as a contemplar a beleza da sua vocação. Ela é bela, não é verdade? Deus confiou os seus preferidos, os pobres, a cada uma de vocês! Vocês são suas Mães e Irmãs e não suas madrastas... Mãe e Irmãs.

Mães, porque, através do seu amor, da sua atenção a todas as necessidades dos pobres, cada uma gera o Amor de Deus neles e os reabrem à beleza da vida.

Irmãs, porque, qualquer que sejam as condições dos pobres, vocês os apoiam e os acompanham a fim de lhes restituir a dignidade nos inúmeros percursos da vida que realizam com eles.

Desta maneira, vocês se tornam cada vez mais Filhas da Caridade, o que, de acordo com o pensamento do seu Fundador, São Vicente de Paulo, significa ser Filhas de Deus, imagem do maior Amor que o próprio Deus testemunhou.

Como Filhas da Caridade, neste tempo marcado por tantas contradições e tantas formas de marginalização, vocês têm um papel histórico como mulheres que vivem uma forma particular de consagração: o de acompanhar muitos dos nossos irmãos e irmãs vítimas da violência, da discriminação e de ajudar no crescimento das crianças, primeiras vítimas dos abusos dos adultos, de proteger e defender a vida ao seu redor, através do seu sorriso, da sua atenção, da sua devoção no serviço aos pequeninos.

Convido-as a trabalhar para que, a todos, sejam garantidos os direitos fundamentais que asseguram uma vida digna; a contribuir com a salvaguarda da casa comum; a transmitir a fé e os valores cristãos às novas gerações e a ensiná-las a cuidar umas das outras. Há muito o que fazer.

Deus chama cada uma para responder com sua generosidade, para encontrar, escutar, caminhar na história, caminhar juntas para compartilhar os acontecimentos da humanidade.

Vocês são na Igreja e no mundo uma grande força espiritual. Peço ao Senhor, pela intercessão da Virgem Maria, única Mãe da sua Companhia, que as guarde em sua vocação e lhes impulsione na missão.

Que o Senhor as abençoe e que a Virgem Maria as guarde. E por favor, não esqueçam de rezar por mim! Obrigado.

## COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS

**“EM TI SE ENCONTRA A FONTE DA VIDA, E COM A TUA LUZ NÓS VEMOS A LUZ” (SI 36).**

Ir. Maria Rita Barreto da Rosa  
Ir. Ercília de Jesus Bendine



Diante da desafiadora missão que nos foi confiada de registrar algumas lembranças daquele que, estando entre nós, foi um profundo sinal do Mistério do Deus Vivo, vieram-nos as palavras do Salmista. Falar do Ângelo, “criança” que marcou tão intensamente a Casa dos Pobres em Nova Friburgo e cada Irmã que por lá passou, requer que nos coloquemos sob a Luz que nos vem do Alto, e que nos reveste de um olhar capaz de enxergar a Fonte de Vida que dele brotava.

Para o Ângelo, cada despertar era um convite a uma nova Festa, a que chamava todos os que com ele conviviam. Com uma persistência própria, ele buscava nos reunir em uma contínua celebração, com direito a banda, quadrilha, presentes e, claro, o seu convidado de honra... o Papai Noel. Natural de Niterói, o Ângelo chegou à Nova Friburgo ainda menino. Se de início mantinha contato com seus parentes, com o tempo os laços que o uniam à família biológica foram se esgarçando,



e restaram-lhe as memórias do afeto por seu pai e sua madrasta, a quem carinhosamente chamava de “Querida”. Ele adotou, então, uma nova família, constituída pelos muitos colaboradores e Irmãs que, ao longo dos anos, dedicaram-se aos seus cuidados, nutrindo por ele um amor bem particular, um dom que ele sabia cativar em todos os que lhe abriam os braços e o coração.

Com uma memória invejável, nosso eterno menino reconhecia cada Irmã com quem convivera somente pela voz. Fosse ao telefone, ou presencialmente, a festa era certa ao acolher aquelas que sempre o traziam consigo, colocando todos os seus sentidos em uma calorosa e inesquecível saudação, em que batia mãos e pés, em um júbilo único. Para ele, não havia mau tempo: a cada dia, Ângelo nos ensinava que a Alegria é dom de Deus, que deve ser cultivado e comunicado em cada Encontro. Ao abrir seu coração preenchido de nomes, ele nos revelava a ilimitada generosidade divina, pois só um Deus infinito é capaz de preencher o coração humano.

Assim, não podíamos ser indiferentes aos momentos partilhados em sua presença, confirmando nossa confiança de que, ao experimentarmos o Mistério insondável de Deus, jamais saímos iguais. Ao ler, este ano, a mensagem do Papa Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres, veio-me de imediato seu rosto à memória, quando disse: *“Os crentes, quando querem ver Jesus em pessoa e tocá-Lo com a mão, sabem aonde dirigir-se: os Pobres são sacramento de Cristo, representam a sua pessoa e apontam para Ele”*. Com o Ângelo, a comunhão era plena: embora fosse pequenino no tamanho, era grandioso na capacidade de comunicar o Divino que, nele, encontrava espaço privilegiado para se manifestar, com disposição e euforia ímpar. Nele, não só tocávamos o Cristo encarnado, mas podíamos trazê-lo ao colo, estabelecer um diálogo com Ele, matar não só Sua fome e sede, mas a nossa também.

Sua voz inconfundível continua a ecoar na memória, entoando muitas falas e músicas... Ângelo não só fazia questão de estar presente nas Missas e Celebrações, como delas participava ativamente, fazendo colocações sempre originais a quem quer

que fosse, e proporcionando boas risadas. Ao longo de nossa trajetória, sempre identificamos pessoas que, com seu testemunho, assumiram o papel de João Batista, colaborando em nosso discernimento, e apontando-nos Jesus. Em nossa caminhada, lá está o Ângelo que, como uma voz no deserto, ainda canta *“Prova de amor maior não há, que doar a vida pelo irmão...”* em tom fino e suave.

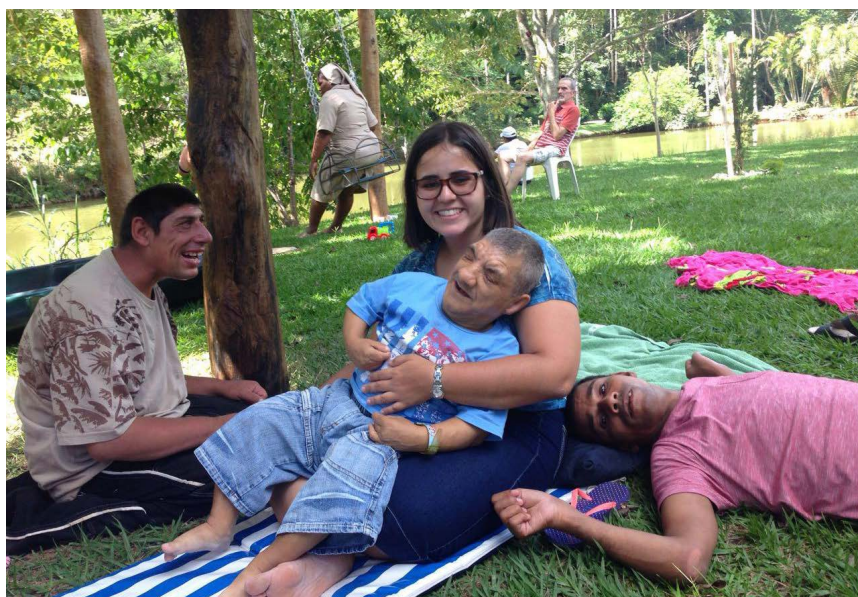


Revisitando os acontecimentos e as oportunidades que tivemos de estar com ele, compreendemos em que, de fato, consiste o Programa que Jesus nos anunciou ao falar do Reino, e que nos chega através do Evangelista São Mateus. Felizes os pobres em espírito, os aflitos, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os que promovem a paz, os perseguidos, insultados, esquecidos... Deixando os momentos compartilhados ressoarem em nós, somos chamados a elevar, em uma só voz, a nossa gratidão aos Céus.

Felizes de nós, sim, por nos ter sido concedida a graça de convivemos com o próprio Deus que, em uma singular existência, chegou-nos de diversas formas. Felizes de nós que aprendemos, com o Ângelo, que o ritmo de Deus não é o nosso ritmo: em muitos momentos, ele nos convidou a caminhar mais lento do que gostaríamos, a repetir a mesma conversa mais vezes do que achávamos necessário, a rir mais do que julgávamos conveniente,

a amarmos com mais autenticidade do que nos conhecíamos capazes, a entrarmos em uma verdadeira e íntima comunhão. Felizes de nós por, na pequenez e nas muitas limitações, experimentarmos a Grandeza e a Liberdade que do Alto nos chega. Felizes de nós que, pelo Ângelo, fomos apresentadas à lógica invertida do Reino, em que a riqueza, a consolação, a pureza e a paz são-nos reveladas na fragilidade e na pobreza.

Nossa gratidão, Ângelo, por, a cada encontro, apontar-nos o caminho que leva até Jesus, guiando-nos à verdadeira Fonte da Vida. Obrigada por nos revelar que Deus não tem pressa, para Ele sempre é tempo de celebrarmos a Vida, a Partilha, a Liberdade e a Vocação. Obrigada por nos adotar como suas Mães e Irmãs, dando cumprimento à Missão que o Papa Francisco reconheceu ser nossa. Obrigada por nos comunicar o próprio Deus feito Homem, anunciando e atualizando, a cada dia, o Mistério da Encarnação, do Deus que, ao descer, eleva-nos. A você, ao Zequinha, ao Papai, à Querida, e a tantos personagens que sua imagem desperta em nós, nosso Amor, nossa Saudade, e nosso *Até Breve!*



### **FESTA DE SÃO VICENTE DE PAULO NO COLÉGIO VICENTINO SÃO JOSÉ - VILA VELHA/ES**

Imbuídos pelo espírito de São Vicente de Paulo, a equipe do Colégio Vicentino São José, de Vila Velha, preparou uma programação toda especial para bem celebrarmos e vivermos o carisma com a comunidade educativa. A semana teve como tema: “Nos passos de Vicente, uma experiência de amor”.

Foram dias de intenso estudo, de celebração, de oração e, acima de tudo, de responsabilidade e comprometimento, na busca de avançar do afetivo para o efetivo.

Os alunos produziram decorações, vídeos, pinturas, *lettering* e muitas outras atividades para homenagear o Pai dos Pobres. Todas as portas, portões e corredores foram ambientados para que não houvesse dúvida da quantidade de carinho, de amor e de devoção a Vicente de Paulo.

A Santa Missa abriu a segunda-feira com a participação das Irmãs, da Equipe Técnica, dos Colaboradores e dos Formandos de 2021. Foi um momento de expressão da fé e de entrega, celebrarmos em comunidade este Santo tão importante para a Companhia das Filhas da Caridade e para o nosso Colégio. Irmã Joselinda encerrou a celebração dizendo que o sonho dela é que “ampliemos a nossa caridade para ser algo efetivo, não meramente afetivo”, passando, assim, um grande desafio à comunidade educativa.

A equipe técnica e os colaboradores administrativos foram convidados a ampliarem o olhar sobre São Vicente de Paulo e a Companhia. A Diretora Pedagógica Auxiliadora Campos disponibilizou diversas obras para leitura e preparou um momento de espiritualidade, convocando-nos ao compromisso educativo, a

partir dos passos de Vicente de Paulo. Foi um momento muito rico de partilha entre a equipe e as Irmãs.

A programação realizada foi recheada da alegria do espírito vicentino e voltada para a vivência das cinco virtudes vicentinas. Destaques: Recital “Cantando as belezas no Jardim de São Vicente”; apresentação sobre os “Passos de São Vicente”, com um *quiz* sobre a “Vida de São Vicente”; produção de *Podcasts* “Mensagens de São Vicente”; visita de São Vicente às turmas da Educação Infantil; formação para os colaboradores com a presença de Ir. Sandilene Bocafoli; momentos de espiritualidade com os professores, e além dessas atividades, entre uma aula e outra, as caixas de som reproduziam a música ‘São Vicente amigo dos pobres, amigo da gente, amigo de Deus’.

Durante toda a semana, respiramos o Carisma de Vicente e, com certeza, fomos e continuamos movidos pelo mesmo espírito que moveu e move os passos de Vicente... As palavras que ficam são: gratidão, pertença e comprometimento. Gratidão por Deus nos proporcionar esses momentos e nos direcionar à responsabilidade de sermos continuadores de tamanha missão, fazendo, assim, da memória de Vicente um sinal vivo do Reino dos Céus no nosso meio, como um caminho no segmento de Nosso Senhor Jesus Cristo!





## POSSE DO CONSELHO PROVINCIAL

*“As Conselheiras ajudam a Visitadora a colocar as Constituições e Estatutos em prática, no apoio a ser dado às Irmãs, no desenvolvimento das atividades e na constante animação vicentina da Província.” (C. 76b)*

No dia 30 de setembro, em Celebração Eucarística celebrada pelo Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial e concelebrada pelo Pe. Luís Veras, capelão do Hospital São Vicente de Paulo, foi empossado o novo Conselho Provincial, formado por Ir. Maria da Penha Andreon (Assistente Provincial), Ir. Adenilde Francisca de Macedo, Ir. Maria Aparecida Cirico Maciel e Ir. Maria Bernadete Gonçalves de Pinho.

Nesta ocasião, Ir. Selma Aparecida dos Santos, Visitadora, agradeceu a dedicação de Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo e Ir.

Carolina Mureb Santos que encerravam, então, sua missão de Conselheiras Provinciais. Ir. Selma também confirmou Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo na missão de Econômica Provincial e Ir. Maria Bernadete Gonçalves de Pinho na missão de Secretária Provincial.

Por tudo demos graças! E continuemos em oração pelas Irmãs que assumem juntamente com Ir. Selma o governo da Província.



## #SAVV.RIO.50ANOS

Ir. Sandilene Maria de Sousa Bocafoli



*Bem-aventuradas as Filhas da Caridade que há 388 anos permanecem crendo na promessa do Senhor em conduzir a Companhia no caminho dos Pobres.*

Iniciamos o mês de novembro, um mês de muitas festas para a Companhia que saúda a Virgem Mãe da Medalha Milagrosa que nos visita em 1830 e transmite uma preciosa missão através da jovem Irmã de Seminário, Catarina Labouré, além de recordarmos de nossas origens celebrando nossa fundação.

Nesse contexto, o Serviço de Animação Vocacional Vicentino proporcionou um momento de espiritualidade, formação, partilha, diálogo e animação entre as Irmãs no primeiro encontro de animadoras vocacionais, de forma presencial, que aconteceu entre os dias 05 a 07 de novembro, na Casa Provincial. O encontro trouxe um dos temas apresentados no documento final do 4º Congresso Vocacional do Brasil, a partir da nossa realidade provincial: “Contemple o infinito ao seu redor” - um olhar para a missão vocacional em nossa Província.

Na sexta-feira, dia 05, após o jantar, todas as participantes foram acolhidas por Ir. Sandilene Bocafoli que frisou a alegria deste encontro após um ano e meio desde o último que aconteceu em fevereiro de 2020, antes da pandemia. Agradeceu, igualmente, o generoso sim de cada Irmã em somar com essa missão tão especial que cada uma de nós, Filhas da Caridade, traz consigo, independentemente da missão que vivamos.

Nesse contexto que vivemos com a realização da Assembleia Geral, Ir. Selma Aparecida dos Santos, Visitadora, não pôde estar presente fisicamente, mas enviou sua mensagem a todas as

participantes. Destacou a importância de nos empenharmos na missão vocacional, pois, em suas palavras, “o Serviço de Animação Vocacional é um modo muito concreto para viver e expressar a alegria da nossa consagração. Que este encontro faça surgir com força em nossa Província um novo EPHATA, capaz de abrir a porta do coração e das nossas Comunidades para acolher as Jovens que Deus, na sua infinita bondade, nos quiser enviar”.

Fechamos a primeira noite na celebração de uma espiritualidade vocacional que nos convidou a fazer memória do caminho percorrido por tantas de nossas Irmãs, desde nossos Fundadores, aprendendo deles o verdadeiro espírito capaz de dinamizar toda nossa vida no seguimento de Cristo. Encontramos, nesse caminho, o testemunho de Margarida Naseau e Catarina Labouré e fomos convidadas a inscrever o nosso nome junto a um compromisso pessoal com a Companhia do Presente e do Futuro.

Iniciamos o dia seguinte, colocando-nos na presença do Senhor e celebrando a Eucaristia, às 7h no Santuário. As atividades da manhã começaram com a valiosa formação de nosso Diretor Provincial, Padre Vandeir Barbosa, que nos abriu sua fala apresentando-nos o contexto social em que nos encontramos a partir da perspectiva da contemplação, trazendo-nos a contribuição de pensadores atuais como Byung Chul Han e Zygmunt Bauman. Após esta abordagem, conduziu nossa partilha, ainda no aspecto da contemplação, mas agora na missão de animadores vocacionais vicentinos a exemplo do Mestre Jesus. Para isso, destacou o encontro de Jesus com o cego Bartimeu na narração do Evangelho de Marcos 10, 46-52. A partir dele, destacou alguns elementos:

- Bartimeu é carente de visão... aquilo que lhe daria acesso direto à pessoa de Jesus, sem intermediações;
- O encontro acontece numa encruzilhada de muito movimento, nas proximidades de um posto romano;
- Os discípulos de Jesus que orientam Bartimeu a se calar acreditavam que estariam sendo obedientes às palavras de Jesus

que os havia orientado a não anunciarem todas as maravilhas que estavam testemunhando como discípulos;

- Por essa postura, retardam o encontro entre Jesus e Bartimeu;

- O animador vocacional é chamado a ser atento aos sinais presentes nos jovens e conduzir caminhos de proximidade e encontro com o Senhor;

- A perseverança de Bartimeu é muito forte, de modo que, mesmo sendo convidado a calar-se, grita ainda mais alto, pois tem consigo o anseio de estar com o Senhor;

- Tendo a atenção do Mestre, Jesus pede que seus discípulos conduzam Bartimeu ao seu encontro - aqueles que outrora o reprimiram, tornam-se aqueles que propiciam o encontro entre ambos;

- Bartimeu, ao levantar-se para ir ao encontro de Jesus, sua verdade, despoja-se de seu manto - tudo o que tinha - diferente do jovem rico que opta por seguir seu caminho com seus bens;

- O animador vocacional tem a missão de propiciar aos jovens essa possibilidade de refletir mais sobre seus anseios e vontades: "O queres que eu te faça? Senhor, que eu veja".

Muitos foram os pontos destacados por Padre Vandeir que trouxeram luz para a caminhada que a Igreja vem fazendo ao longo de anos, em apontar a animação vocacional como esse caminho que todos os cristãos são chamados a trilhar na busca da vocação de suas vidas, sem restringir ou elencar como se houvesse uma "hierarquia de vocação".

No período da tarde, após um momento de espiritualidade que nos indicou pontos das Constituições e Estatutos, assim como dos escritos de nossos Fundadores, continuamos nossos trabalhos com Ir. Sandilene Bocafoli que nos apontou, num primeiro momento, a caminhada da missão vocacional na Igreja do Brasil, resgatando os principais marcos desse itinerário e suas principais finalidades, de

modo a favorecer o entendimento da proposta do último Congresso Vocacional do Brasil que aconteceu em setembro de 2019.

Em sua apresentação, Ir. Sandilene foi indicando os principais apelos apontados pelos congressistas e contextualizando-os na realidade de nossa Província, viabilizando assim, um espaço de partilha e diálogo com as participantes que muito colaboraram ao apontar aspectos das realidades de missão local, com seus desafios e potencialidades.

Encerramos os trabalhos, louvando Maria, Mãe da Companhia e das Vocações, com um belo momento de oração conduzido por Ir. Faride Dutra Pereira que nos convidou à oração dos mistérios luminosos no contexto da Capela das Aparições na Casa Mãe, associando-nos às nossas Irmãs reunidas em Assembleia Geral.

No período da noite, fomos convidadas a vivermos a alegria de nossa consagração a partir de um rico momento de brincadeiras e animação conduzido pelas Irmãs Adriana Viana e Lúcia Pereira que não deixou ninguém parada, literalmente!! Agradecemos às Comunidades que contribuíram com brindes e guloseimas que adoçaram esse momento fraterno!

Nosso último dia de encontro começou na presença do Senhor na Comunidade do Santuário reunida para a celebração dominical, iniciando uma nova semana e um novo mês rogando as bênçãos e graças da Mãe da Medalha Milagrosa. Seguimos com o último compromisso previsto na programação: lançarmos o olhar para 2022 com suas atribuições e esperanças de um trabalho mais efetivo pelas vocações, repassando datas e projetos que foram enriquecidos com a partilha de algumas Irmãs, em nível local que poderá enriquecer nossa dinâmica provincial.

Enfim, resta apenas agradecer muitíssimo ao bom Deus que nos conduziu por caminhos de esperança e muito ardor em nutrir nossa vocação e a de nossas Irmãs, para, dessa forma, atrair novos corações para uma maior proximidade com Jesus, assim como outras Irmãs nos testemunharam em nosso processo de

discernimento vocacional. Pedimos à Santíssima Virgem, a mulher do *Ephata*, que nos ajude a viver os compromissos assumidos e a dinamizar a missão vocacional da Província ao encontro dos jovens, oportunizando encontros e não os retardando.



## FESTA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Ir. Bernadete Pinho



De 18 a 26 de novembro, foi celebrada a novena de Nossa Senhora das Graças. Tempo de preparação espiritual, tempo de reunir os devotos de Nossa Senhora, ainda que com alguns cuidados devido à pandemia. Todos estavam saudosos daquele calor que envolve os corações dos filhos ao se aproximarem da Mãe. As missas ocorridas durante a Novena contaram com um número expressivo de fiéis, tendo sido, como de costume, dinamizadas por diversos grupos que participam das atividades pastorais do Santuário.

No dia 27 de novembro, um sábado, o Santuário ficou repleto de pessoas que queriam expressar sua gratidão, fazer sua homenagem, fazer seus pedidos a Maria. As missas foram o centro da Festa. E, com certeza, Maria ficou muito feliz por todo carinho demonstrado a seu Filho. Viva Nossa Senhora das Graças! Viva Jesus Cristo!

Registramos com carinho a participação de tantos voluntários leigos que atuam no Santuário, assim como de Irmãs, Diáconos, Padres e de D. Ubiratan, Bispo de Itaguaí, que sempre se faz presente. A todos e todas, nossa gratidão.





## ENTÃO É NATAL!!!!

Ir. Bernadete Pinho

Chegando ao final de mais um ano, nossas Irmãs se esmeraram em preparar os encerramentos das atividades nas diversas obras em que atuamos. Tempo de gratidão por tudo o que foi alcançado, tempo de celebrar, de oferecer a Jesus os dons que Ele nos concedeu ao longo deste ano. Partilhamos algumas imagens que recebemos neste fim de ano.



Casa da Criança Lar São José - São João de Meriti



Casa dos Pobres São Vicente de Paulo  
Nova Friburgo





Centro Socioeducativo Nossa Senhora das Graças - Chapadão do Sul



Colégio Santa Isabel - Petrópolis



Comunidade Nossa Senhora da Missão - Dourados



Comunidade Santa Catarina Labouré - Rio de Janeiro



Escola Rural São Vicente de Paulo  
Rio de Janeiro



Missa de Natal com os  
Colaboradores na Casa  
Provincial

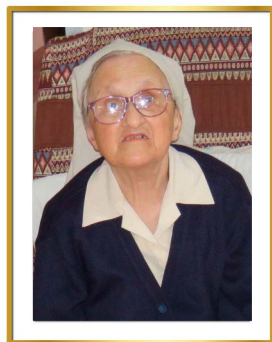
Projeto Portas Abertas - Rio de Janeiro



## NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI

*“Há razão para esperar que sereis daquelas a quem o Senhor há de dizer: Vinde, benditos de meu Pai, possuir o Reino que vos está preparado”.*

(São Vicente de Paulo, Conf.  
13/02/1646).



### **Ir. Anna de Oliveira (Ir. Anita)**

Ir. Anna, filha de João de Oliveira e Lúcia Hertal de Oliveira, nasceu no dia 01.04.1928, em Ponta Grossa/PR e foi batizada em 03.05 daquele mesmo ano.

Com vinte e oito anos de idade, decidiu-se pela Vida Consagrada, iniciando o Postulado no Colégio Imaculada Conceição, em Jacarezinho/PR. Ingressou na Companhia das Filhas da Caridade a 15.09.1956. Foi enviada em Missão no dia 12.07.1957 e fez os Votos pela primeira vez a 27.09.1961.

Ir. Anita, como era conhecida, durante a sua vida deu testemunho de alegria, de simplicidade, organização, dedicação e doação sem medidas. Era muito feliz e amável no trabalho com as crianças e com os colaboradores.

Tinha uma sólida convicção de pertença à Companhia. Era perceptível seu amor à vocação e à vida comunitária, procurando manter sempre um bom relacionamento com as Irmãs. Buscava constantemente a Deus através da oração e da Sagrada Eucaristia. Sua devoção a Maria também era notável.

Durante a sua vida doou-se totalmente ao serviço de Cristo na pessoa dos Pobres nas seguintes Comunidades:

- Colégio do Carmo - Vitória/ES
- Fundação Romão de Mattos Duarte - Rio de Janeiro/RJ
- Recanto Infantil Santa Maria - Campos do Jordão/SP
- Creche Catarina Labouré - São Paulo/SP
- Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ

No dia 13.09.2021, deixou o leito do Hospital São Vicente de Paulo para ir ao encontro do Senhor, com 93 anos de idade e 64 anos de vocação. Que sua fidelidade a Jesus Cristo e aos Pobres nos inspire a prosseguirmos nossa caminhada.



### **Ir. Neil Pimentel**

Ir. Neil Pimentel nasceu a 20.01.1929 em Santa Leopoldina, no Espírito Santo. Seus pais, Jarbas e Maria da Paz, levaram-na à pia batismal naquele mesmo ano. Passaram-se vinte anos e Ir. Neil, já professora, desejando consagrar-se inteiramente a Deus, iniciou seu Postulado no Recolhimento Santa Teresa, em Botafogo. A 19 de julho de 1949, foi recebida no Seminário da Companhia das Filhas da Caridade e a 16 de setembro de 1950 foi enviada em missão. Fez seus Votos pela Primeira Vez a 19 de julho de 1954.

Ir. Neil era piedosa, fiel aos momentos de oração, comprometida com sua opção por Jesus Cristo presente nos Pobres. Gostava da vida comunitária, contribuindo para um ambiente fraterno, alegre, com bom humor e caridade. Aproveitava todas as ocasiões para estar próxima aos pobres. Foi educadora, servindo em diversas escolas. Cooperou também com a formação dos confrades e consócias da Sociedade de São Vicente de Paulo (os Vicentinos), assim como de outros ramos da Família Vicentina que a requisitavam. De

inteligência brilhante, contribuiu com toda a Família Vicentina empenhando-se na tradução das Obras Completas de São Vicente de Paulo. Também, por vários anos, foi responsável pela tradução e correção dos ECOS da Companhia e pela edição do Boletim Informativo de nossa Província.

Ir. Neil serviu Jesus Cristo na pessoa dos Pobres nas seguintes Comunidades:

- Colégio da Providência - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio da Imaculada Conceição - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio da Providência - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio Santa Isabel - Petrópolis/RJ
- Colégio Luísa de Marillac - São Paulo/SP
- Colégio São Vicente de Paulo - Niterói/RJ
- Colégio da Imaculada Conceição - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio Virgem Poderosa - São Paulo/SP
- Colégio da Imaculada Conceição - Rio de Janeiro/RJ
- Colégio São José - Vila Velha/ES
- Instituto São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Provincial - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

No dia 26.10.2021, aos 92 anos de idade e 71 anos de Vocação, Ir. Neil partiu para sua morada definitiva junto de Deus e dos Pobres. Ela certamente continuará a interceder pelos Pobres, pela Companhia, por toda a Família Vicentina e por seus familiares. Descanse em paz!

### **Homenagem de admiração e gratidão...**

*Minha admiração vem dos longos e longos anos de nossa amizade, a partir de quando passei a conhecê-la melhor e mais profundamente, durante as assembleias provinciais presididas pela Irmã Ione. Fui sempre honrado por sua fidelidade e confiança.*

*Seu trabalho imensamente meritório foi a tradução de muitos volumes das obras de São Vicente, que ela realizou com paciência,*

*perseverança, acerto e extrema elegância, até no final de sua vida. No último bilhete que me escreveu disse que havia terminado o XIII volume (o mais complicado, o dos documentos) que exigiu esforços complementares, e estava revendo o milheiro de páginas, para dar menos trabalho aos revisores...*

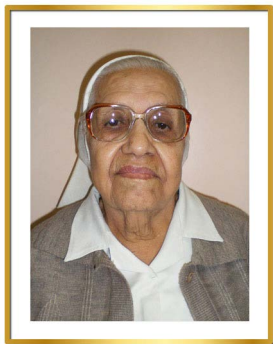
*Uma vez se espantou com o número de correções que indiquei, vários milhares, e perguntou: “Errei isso tudo?” Claro que não errara quase nada, com o francês que dominava tão bem. Eram vírgulas, acentos, espaço duplo entre as letras, essas bobagenzinhas que não devemos deixar passar, mas é difícil ver e corrigir. Quando tinha suas dúvidas, fazia uma lista, copiava as frases e pedia sugestões. Muitíssimas vezes, eu não soube o que indicar e então fazíamos a consulta aos Coirmãos da equipe do Secretariado em Paris.*

*Uma vez deu a entender que uma das minhas sugestões, até frequente, não era do seu jeito, pois preferia uma frase menor, evitando repetir o “que”. Daí, usar o verbo no infinito: “Pedi ao Irmão comunicar o recado aos interessados”. Eu trocava: “que comunicasse...” Ela comentou baixinho: “Mudaram minha frase”. Fazendo desta humildade uma expressão de sua amizade fraterna, tornou fácil e agradável meu trabalho de revisor.*

*A extensão do seu trabalho merece à Irmã Neil o louvor de todos nós, Irmãs e Padres e Irmãos. Minha forma de agradecer foi celebrar a Santa Missa na intenção da Irmã Neil, pedindo a Deus para ela um lugar muito especial ao lado de São Vicente, que hoje fala com a voz e a elegância de sua tradutora. Escrevi apenas como membro da equipe de tradução, mas creio que meus sentimentos de admiração e gratidão são comuns a todos os Coirmãos que sabem do trabalho da Irmã Neil.*

*Gostaria que esta mensagem fosse comunicada às Irmãs da Província, como homenagem a todas vocês. Um abraço fraterno e carinhoso.*

*Pe. Lauro Palú, CM*



### **Ir. Anna Maria Estanislau**

Ir. Anna Maria Estanislau nasceu em Curvelo, Minas Gerais, no dia 24 de julho de 1925. Filha de Pedro Theodorico Estanislau e Anna Francisca Estanislau, foi batizada a 13.09.1925. Com o desejo de se dar inteiramente a Nosso Senhor, aos 21 anos de idade, ingressou na Companhia das Filhas da Caridade no dia 29.05.1946, tendo sido enviada em missão no dia 20.09.1947 ao Instituto de Cegos Padre Chico - São Paulo/SP.

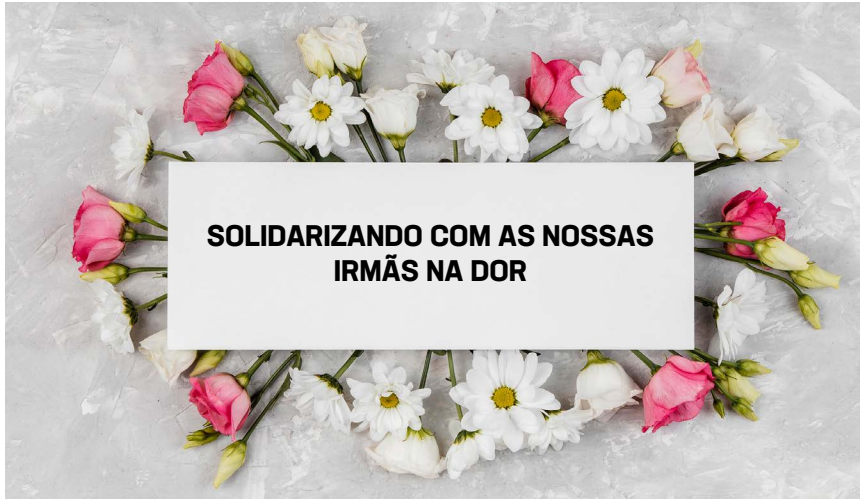
Ir. Anna Maria esforçava-se para crescer na experiência de Deus e ser uma pessoa de oração. Conversava familiarmente com Deus. Buscava participar da vida comunitária, superando seu temperamento mais retraído. Dedicava-se intensamente ao serviço que lhe era confiado. Era delicada e cordial no trato com as pessoas e testemunhava um grande amor à vocação, aos pobres e às Irmãs.

Ir. Anna serviu Jesus Cristo presente nos pobres nas seguintes Comunidades:

- Instituto de Cegos Padre Chico - São Paulo/SP
- Recolhimento Santa Teresa - Rio de Janeiro/RJ
- Educandário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ
- Ginásio Coração Eucarístico - Itanhandu/MG
- Ginásio Santa Maria - Assis/SP
- Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - Vitória/ES
- Colégio da Providência - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ

No dia 27.12.2021 com 96 anos de idade e 75 anos de vocação, o Senhor a chamou para contemplá-lo face a face.

Que Deus a receba na feliz eternidade e a recompense por todo bem aqui realizado.



- Ir. Francisca Ribeiro Rodrigues - primo e sobrinho
- Ir. Maria Inácia Leite - irmã
- Ir. Ileuza Luiza da Silva - irmão
- Ir. Maria de Lourdes Amaral (Ir. Gabriela) - irmã
- Ir. Maria da Penha Andreon - tio

# FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca - Rio de Janeiro - CEP 20.270-233  
Telefone: (21) 2563 9450 | [filhasdacaridaderj.org.br](http://filhasdacaridaderj.org.br)